

A ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno 45000 réis.

Numero pago á entrega. 3090 . .

N.º 8 — VOL. III.

Sabbado 26 de Fevereiro de 1859.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno 45300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . 55000

Summario.

ARTIGOS: — Historia da actualidade — Convento de S. Miguel de los Reyes, proximo a Valença — A villa de Castro Marim — Uma revolução na India portugueza — A cidade de Estavayer na Suisa — Os inglezes na India — A villa de Celorico — A pedra philosophal — O aqueducto da Amoreira, em Elvas — Aiva Estrela, continuação — Na Primavera.

GRAVURAS: — Convento de S. Miguel de los Reyes — Brasões das villas de Castro Marim, e de Celorico — Aqueducto da Amoreira, em Elvas — A cidade de Estavayer, sobre o lago de Neuchatel.

Historia da actualidade.

O Gremio popular, associação fundada ha pouco em Lisboa, conta já setenta accionistas, e cento e quarenta associados. A sua bibliotheca vae se enriquecendo com valiosos donativos dos socios. Um d'estes fez presente á associação de duzentos cincoenta volumes.

— Na provincia de Guzerate teem-se sentido fortes abalos de terra, e em Amedabad foi tão violento um dos ultimos tremores que derrubou bastantes edificios com graves perdas.

— Verdi acaba de escrever uma opera para o theatro de Roma, intitulada *A cieia do Senhor*.

— Os bailes de mascaras no café-concerto teem sido muito concorridos.

— Continuam os trabalhos na rua dos Retrozeiros para descobrir as galerias das antiguidades romanas ali encontradas.

— O beneficio de madame Tedesco no theatro de S. Carlos foi brilhantemente concorrido e entusiastico.

— A Austria occupa-se activamente na fortificação do Lido, pondo-o em termos de d'ahi bombar Veneza em caso de insurreição.

— Acaba de ter lugar em Paris um incendio em alguns armazens de cordagem, cujas perdas se avaliavam em 200000 francos.

— Na camara dos dignos pares foi presente esta semana o parecer sobre a concordata com a corte de Roma.

— A corrida de toiros no domingo passado foi turbulenta em consequencia da autoridade não condescender com os desejos do publico.

— No 4.º de Janeiro existiam em deposito nos armazens de Villa Nova de Gaia sessenta e quatro mil quinhentas oitenta e sete pipas de vinho de primeira qualidade, e trezentas oitenta e uma de segunda.

— No decurso do mez de Janeiro exportaram-se para o paiz e varios portos da Europa e America quatrocentas noventa e sete pipas de ambas as qualidades de vinho.

— A Inglaterra acaba de supprimir o direito de visita.

— Á sessão annual da academia das sciencias assistiram suas magestades el-rei o senhor D. Pedro v, e D. Fernando, e um extraordinario concurso de pessoas das classes mais illustradas da capital. Apresentaram-se pelos academicos tres notaveis discursos.

— A rainha de Hespanha acaba de autorisar uma exposição industrial em Madrid, a qual hade ter lugar no anno de 1862.

— Continua atraindo escolhida concorrência a bella musica do *Crispino e la comadre*, actualmente em scena no theatro de D. Fernando.

— O senhor Casal Ribeiro, em homenagem á memoria de sua mãe, offereceu á associação promotora da instrucção popular a quantia de dez contos de réis em inscrições.

— *Gabriel e Lusbel* ou o *Thaumaturgo* volta á scena esta quaresma no theatro do Gymnasio.

— A camara municipal acaba de approvar a proposta de um seu vereador para se pedir ao governo que conclua de um modo digno o monumento da praça de D. Pedro, ou então faça remover d'ali aquellas pedras.

— Domingo cantou-se pela primeira vez em S. Carlos a opera *Mareo Visconti*, de maestro Petrello. Não foi bem recebida.

— Em Pontreza e Lugana, no cantão de Berne, houve uma grave desordem por causa de effeições, do que resultou ser morto um individuo, e ficarem quatorze pessoas feridas.

— Segundo as mais recentes noticias, o reino de Oude está completamente pacificado.

— Solouque acaba de abdicar, e refugiu-se a bordo do vapor *Melbourne* com os seus thesouros, e pessoas da sua comitiva.

— A fragata D. Fernando saiu do dique e vae apparellhar. Espera-se que na proxima primavera siga viagem para Goa.

— Tambem a corveta D. João I está apparellhando, e julga-se que levará destino para Macau.

— Teme-se que rebente uma revolução no Peru.

— Em Jassy descobriu-se uma conspiração, em que entravam quatrocentos conjurados.

— Diz-se que o imperador d'Austria vae a Vero-



Convento de S. Miguel de los Reyes.

na, onde se reunirão vinte e cinco mil homens.

— O príncipe Milosch proclamou-se príncipe hereditário em Belgrado.

— O príncipe de Galles quando chegou a Roma foi mandado cumprimentar por sua santidade.

— Vae estabelecer-se nas Vendas Novas um pequeno acampamento para exercitar no serviço de campanha uma brigada da nossa infantaria, e alguma cavallaria.

— Milão está declarada em estado de sitio.

Convento de S. Miguel de los Reyes, proximo a Valença.

O caminho de Barcelona une Valença a Murviédro. Dos lados não se vêem senão bellas campinas cobertas da mais variada cultura. Quem só conhecer este canto da Hespanha pode julgar que está no reino mais industrial e rico do universo.

De espaço a espaço, encontram-se alguns bellos edificios religiosos.

S. Mignel de los Reyes era um convento de franciscanos de grande e nobre aspecto. Os seus claustros fazem lembrar os do Escorial. Algumas arvores vigorosas defendem-nos do ardor do sol e do pó da estrada.

A estampa junta poupa-nos a descripção de um edificio, cuja simples vista é bastante para se fazer idéa da sumptuosidade de um mosteiro, que servia de residencia a não poucos religiosos. Ignora-se o anno da sua fundação, bem como o nome do fundador.

A villa de Castro Marim.

E' esta villa um dos portos marítimos do reino do Algarve, e uma das suas principaes praças de guerra. Está edificada na margem direita do Guadiana, uma legua distante da foz do rio, e quasi defronte da cidade hespanhola de Ayamonte. Sentada nas faldas de duas montanhas, queahi se unem por meio de duas linhas de muralhas, não se espelham seus edificios nas aguas do Guadiana. Fica um pouco arredada do rio, porém um pequeno esteiro ou canal facilita ás embarcações chegarem junto aos muros da villa.

El-rei D. Afonso III mandou-a povoar em Julho de 1277, concedendo-lhe vários foros e privilegios. Não consta porém ao certo se a fundou, ou simplesmente reedificou. El-rei D. Diniz deu-lhe novo foral em Maio de 1282, e quando pela extincção dos templarios, se creou a ordem de Christo, fê-la cabeça da nova ordem, que depois se mudou para Thomar. Parece que o mesmo soberano lhe fez as primeiras obras de fortificação. As mais consideraveis foram empreendidas no tempo das guerras da aclamação de D. João IV.

Castro Marim tinha voto nas antigas côrtes, e os seus procuradores tomavam n'ellas assento no banco decimo terceiro.

Na parte mais alta da villa está o seu antigo castello, de forma circular, com cinco torres, e cinco portas, que communicam para a povoação, e para os arrabaldes. Os condes de Soure, como alcaides-móres que eram de Castro Marim, tinham casas dentro d'este castello. Também n'elle se acha fundada a igreja matriz, unica parochia da villa, a qual é dedicada ao apostolo Santiago. Tem casa e hospital da misericórdia, e quatro ermidas. A de Nossa Senhora dos Martyres, que é um santuario de muita devoção d'aquelle povo, e á qual concorrem muitas remarias, tem junto um hospital militar.

As visinhanças do Guadiana fazem apraziveis os seus suburbios, que produzem cereaes, vinho, azeite, amendoas, e figos, e criam muito gado e caça. O rio e o mar fornecem-na abundantemente de muita variedade de pescado. Recolhe muito sal das suas marinhas, de que se abastecem quasi todas as terras do Algarve. Este producto, juntamente com os figos, amendoas, e pescaria salgada, constitue os seus principaes generos de exportação, que é importante, e lhe entretém activo commercio com Lisboa e outros portos do reino.

Castro Marim tem perto de dois mil e trezentos

habitantes. O seu brasão d'armas é um escudo com uma povoação cercada de muralhas, e por cima as armas reaes de Portugal.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Uma revolução na India portugueza.

JOAQUIM PEREIRA MARINHO.

Eram 1 de Janeiro 1854, ao descair d'uma tarde breve e invernosa.

Acabavamos de assistir a um espectáculo luctuoso para muitos, dos que o tinham presenciado; desolador para nós que nos deixava feridos em muitos sentimentos d'alma.

A carruagem em que sós, e escondidos de vistas exteriores, retiravamos do cemiterio do Alto de S. João, rodava soffreada e monotona pela estrada da circunvalação para a calçada da Cruz da Pedra. O que nos acabava de passar pela vista gerava-nos um tumulto de idéas, qual mais desconsoladora, e amargurada.

Que tinha perturbado a paz de nossa alma? Muito, e nada. Muito para nós, que tínhamos a candura e a cordura de tomar a serio o mundo, a sociedade, a moralidade, a justiça dos homens, e nos víamos arrastados ao desfiladeiro das decepções, que conduzem ao scepticismo, ao cynismo, á corrupção: nada para outros, já familiarizados e identificados com as miseraveis e asquerosas realidades do mundo, da sociedade, do vicio, da injustiça.

Tudo se tinha conjurado para nos aggravar a prostração do espirito. A atmosphera estava carregada e temerosa. As nuvens espessas corriam baixas e velozes. Nordeste rijo acotivava os raros aciprestes do cemiterio. De espaço a espaço chuveiros impetuosos varriam o solo e desfazião a argilla que cobria uma numerosa geração.

Na parte mais accidentada do cemiterio, n'aquella que desce mais abrupta para o lado do rio e para o valle de Chellas, abria-se uma cova que recebera o cadaver d'um homem, que Portugal admirou alguma coisa; que muitos que o viram de mais perto respeitaram pela abnegação, e austeridade civica; mas que só poucos, que o viram na intimidade, communicativo sem arte, espontaneo sem ardid, rigido sem deixar de ser sincero, souberam o muito que valia pela razão e pelo coração, o grande exemplar que era, e podia ser para uma sociedade que se dissolve e rebaixa a alma ao contrapeso da materia, feito com pesos mais ou menos falsificados e sem afiliação legal, mas sempre aviltantes e ignobeis na sua acção e intenção.

Modesto e pouco numeroso cortejo tinha acompanhado do terceiro andar d'uma casa quasi nua no caes do Sodré para o Alto de S. João o corpo inanimado. Eram poucos os que o seguiam, mas talvez os melhores, porque nunca o importunaram quando tinha poder no mundo, nem o tinham esquecido quando a successão dos tempos, a transformação das coisas, e a contrariedade d'uns e de outras, tinham posto de parte a acção, a influencia, o conselho d'um caracter, que suscitava a inveja dos que nem ousavam levantar para elle os olhos temerosos da reprovação.

Uma divisão tirada da guarnição militar de Lisboa o esperara no campo da equaldade: a infantaria formara dentro dos muros, e procurara á sombra do que fecha o cemiterio pela parte do norte, abrigo á ventania descomposta.

Eram as ultimas honras publicas prestadas a um official general.

O caixão tirado do carro funerario e conduzido á mão para as bordas da cova, abria-se para receber ainda uma aspersão da igreja, e mais algumas lagrimas d'amigos. Era porventura a ultima vez que aquelle corpo de estatura regular, aquellos membros reforçados, aquelle rosto austero e torrado por tantos sóes do exilio, e das colonias, aquella fronte vasta e desenrugada, aquellos cabellos pouco espessos mas mais de meio encanecidos, aquella farda quasi limpa de condecorações que hoje raramente significam mais que favor e supplice impertinencia, se nos apresentava

á vista. Trouu o canhão: as descargas da morte completaram as militares obsequias. A força retirou: os curiosos indifferentes que ali estavam seguiram-na. Para celebrar a dor intima só ficou a amizade fiel, representada em poucos homens da sympathia e recordação politica do finado.

Ouviram-se então cortadas pela emoção algumas palavras saídas da bocca de quem foi herdeiro, não da riqueza que não tinha, mas dos documentos, que para o vulgo não seriam mais que folhas de papel amarellecidas pelo tempo, quasi dilaceradas pela pouca importancia que o dono lhes dava, mas que para nós são os seus maiores titulos, os mais eloquentes capitulos da sua historia.

Quem era o finado?

Que se disse d'elle á beira da sepultura?

O que lá se proferiu n'aquella hora solemne, vae revelar tudo.

Ouvi, o que já poucos se lembrarão de ter então ouvido.

«Senhores. — Digamos o ultimo adeus ao corpo que n'esta hora solemne vae desaparecer da nossa vista.

«Este cadaver septagenario, que em longa vida foi animado por uma alma perfeita, muito nos está dizendo na sua propria mudez!

«Ali palpito um coração, que foi sacrario de altas virtudes sociaes, não extraordinarias nem superiores á força humana, mas raras, desusadas, admiraveis n'estes tempos que vamos atravessando, em que se eclipsaram, para deixar rutilar a canonicção e apothose do egoismo cynico. Mas deixemos aos publicanos e mundanarios o seu triumpho ignobil, e prestemos n'este lugar em que expiram as paixões do mundo, como as vagas se quebram na fralda dos rochedos, o culto do coração, o mais caro de todos, que muitos desejaram, e poucos alcançaram, porque poucos o merecem.

«Esta terra vae cobrir para sempre os despojos mortaes do marechal de campo *Joaquim Pereira Marinho*. E' mais um campeão da luz, um apostolo do grande principio, que desaparece d'entre nós. Aos mais esforçados, aos mais inquebrantaveis, vae a morte ceifando inexorable!

«Nós todos, que conhecemos o homem que ahí jaz, que lhe lemos n'alma sem constrangimento os principios que indefectivelmente professou toda a vida; sentimos que uma grande dor nos comprime o peito, porque feito é d'um dos mais raros, mais sinceros, e leaes apostolos da liberdade.

«Como o meteoro passou no mundo sem que as almas vulgares o podessem comprehender. Quando viu a geral apostasia, salvou entre si o fogo sagrado das suas crenças, porque ar apestado lh'o não apagasse; e consumiu a ultima parte d'uma existencia illustre, pranteando os infortunios publicos, depois de passar pelas mais cruéis decepções, depois de ter visto murchas e desfolhadas todas as esperanças, que fundara em novos homens ditos campeões de novas doutrinas. E era inevitavel que assim fosse, porque poucas almas havia da fina tempera do general *Marinho*, e as que houve ou ha estão, como elle o esteve, relegadas á obscuridade, perdidas em forçada inacção.

«O fim miserando do general *Marinho* é para apavorar muitos, que se propozessem imital-o na austeridade de suas maximas. Hoje os maus exemplos fazem degenerar as aspirações nobres; e as naturezas effeminadas capitulam de difficil e incomportavel ás organizações ordinarias, o que em todas pode gerar por si só a bondade das doutrinas, e a coherencia dos actos.

«As virtudes civicas do general *Marinho* eram taes e tantas que divididas davam a fazer muitos cidadãos distinctos. Na carreira das armas desde a infancia, correu o risco d'ella, cortiu as fomes e misérias do exilio. Em tudo serviu bem a patria e foi benemerito d'ella.

«Academico da universidade de Coimbra, cultivou as sciencias e as letras: a philosophia que lhe entrou pelo espirito, plantou-se no coração. A liberdade raizando para o commum dos portuguezes encontrou-o já professo e veterano no seu culto, e quando tantos afrouxaram nas crenças d'ella, e lhe desertaram os bandeiras, o general *Marinho* conservou-se puro na fé, fiel e inabalavel no seu posto, até ao ultimo alento. Nas commissões que serviu pode ser invejado por mui-

tos, e mestre de todos. Militar intelligente em mais d'um ramo de serviço publico, a sua fidelidade, a sua honradez, sobre tudo a sua honradez, senhores, são para elle e para todos os portuguezes honrestos uma grande gloria, por vemos que as virtudes antigas d'esta heroica nação inda não morreram de todo. Os seus governos ultramarinos, o de Angola que resignou, os de Cabo-Verde, e Moçambique, que serviu, ali ficam na historia para o attestarem. Como o grande D. João de Castro, quarto vice-rei da India, pôde o general *Marinho* dizer, que nos governos que fez, *primeiro comiam os soldados os salarios do governador, que os soldados do seu rei.*

«Tudo quanto tinha vae com elle á sepultura. *Omnia sua se comportat.* Por muitas vezes circumstancias favoraveis lhe sorriram, convidando-o a fazer fortuna; mas o que para muitos fôra instrumento de riqueza, para o general *Marinho* foi occasião de empenho e ruina.

«A injustiça dos homens, como aos caracteres da sua tempera, perseguiu-o até ao fim da vida. Um official general, um marechal de campo, um antigo governador geral de dois governos do ultramar, só em Portugal acaba rebatendo os recibos dos seus soldos para supprir-se no coto da morte, sem deixar de seu com que se lhe faça modesto funeral.

«Senhores, inclinemos com respeito a fronte para esse cadaver, que nos dicta sublimes lições, e dá amargos desenganos do mundo, e dos poderes da terra.

«Que seu espirito descanse no seio de Deus, como é fê de nós todos que o mereceu!»

Assim acabou o homem austero, rudo talvez, mas fiel ás idéas, ás instituições que ajudou a plantar, ao partido mais liberal do seu tempo!

Lá jaz sem uma cruz, sem uma pedra rasa que aponte ao respeito ou á curiosidade, o lugar em que repousa. E' geralmente a sorte dos que se não confundem com as vulgaridades que no munde campeiam insultuosas.

A biographia de *Joaquim Pereira Marinho* não se fez ainda, e é necessario, é util que se faça. A ligação íntima que ha entre ella e a nossa historia moderna, pede que uma se complete pela outra. Sobretudo a parte que tomou na administração ultramarina; os meios de desusada energia, ás vezes excepcionaes mas inevitaveis, que empregou para restabelecer nas colonias em que serviu a moralidade e a justiça; a sua participação na inauguração do novo regimen politico; e nos ensaios para a repressão d'um trafico deshumano; tudo o faz digno objecto d'um estudo historico-critico. As resistencias, as opposições, as intrigas que padecceu, quem assim corria direito á raiz do mal, porque algumas d'ellas podessem fazer suspeita á elevação do seu caracter, merecem que se repita a correccção que em vida lhes deu triumphantemente, e que se vingue para sempre a sua memoria.

Temos recolhido documentos preciosos para esse trabalho, que faremos para satisfação propria e cumprimento d'um voto, logo que maior remanso nol-o consinta. *Marinho* deixou autenticas muitas peças importantes para o processo da sua vida publica. Somos depositarios de muitas ineditas: as publicas mais notaveis estão nos livros e opusculos que publicou, e até nas contestações que lhe fizeram alguns inimigos ou emulos.

São de *Marinho*:

«Relatorio d'alguns acontecimentos notaveis em Cabo-Verde, e resposta a diferentes accusações feitas contra o brigadeiro *Joaquim Pereira Marinho*. Offerecido ao senado legislativo da nação portugueza. Teve duas edições. Nunca vimos a primeira. A segunda, que diz ser *corrigida e augmentada de notas, e muitos documentos em Moçambique*, foi impressa em Bombaim: na typographia do *Progreiro da liberdade*, em 1840.

«Demonstração documental das principaes mentiras do coronel Manuel Antonio Martins e do roubo de setenta e sete saccas de urzella que elle fez em Cabo-Verde, e conduziu a Goré, da qual exportou d'aquelle porto para o de Santa Maria de Gambia sessenta, conforme se vê das certidões das alfandegas de Goré e Gambia, que guarnecem esta demonstração. Offerecida ao senado legislativo da

nação portugueza pelo brigadeiro *Joaquim Pereira Marinho*. Foi impresso em Bombaim no mesmo anno e typographia que o antecedente.

«Memoria official em resposta ás accusações dirigidas a sua magestade contra o governador geral da provincia de Cabo-Verde, o brigadeiro *Joaquim Pereira Marinho*. Lisboa: typographia de A. S. Coelho, 1839.

«Memoria contra a facção dos negreiros, dedicada ao ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. visconde de Sá da Bandeira, por *Joaquim Pereira Marinho*. Lisboa: typographia de L. B. de Abreu Gouvea, 1842. Esta memoria é como o proprio autor diz «de combinações sobre as ordens de sua magestade a senhora D. Maria II passadas pelo ministerio da marinha e ultramar, por diferentes ministros da mesma repartição» a elle *Marinho*, como *governador geral de Moçambique*. A razão que dá da offerta que d'ella fez ao visconde de Sá é «por ter sido a primeira autoridade portugueza que de boa fé fez decretar leis, e deu ordens contra o trafico da escravatura com os estrangeiros, e que d'esta maneira tem rebatido a facção dos negreiros ou contrabandistas de escravos, tão dominante.»

«Treze mezes de administração geral da provincia de Moçambique dirigida pelo brigadeiro *Joaquim Pereira Marinho* para ser presente como defesa ao conselho de guerra a que deve responder o mesmo brigadeiro, determinado por s. ex.^a o sr. Antonio José Maria Campelo, ministro e secretario d'estado dos negocios da marinha e ultramar, o senhor Campelo da galera Gloria... Offerecida ao ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. visconde de Sá da Bandeira, pelo mesmo brigadeiro. Lisboa: na officina de Manuel de Jesus Coelho, 1847.

«Projecto para a organização militar da nação portugueza ou principios fundamentaes da defesa dos direitos politicos dos cidadãos portuguezes, e independencia nacional. Escripção em 24 de Novembro de 1844 por *Joaquim Pereira Marinho*, brigadeiro do exercito. Lisboa: typographia de R. P. Marinho. — Rua da Boa Vista n.º 22, 2.º andar. 1849.

Além d'estas obras, publicadas, escreveu tambem em Lisboa em 5 de Fevereiro 1833, um opusculo, que até agora se tem conservado inedito, e tem por titulo:

«Memoria ou relação das principaes causas que produziram em Goa as revoluções que aconteceram para se estabelecer n'aquella provincia o projecto do regimen politico de administração, indicado pelas bases da constituição de 1822.»

E' a que nos propomos publicar em seguida nas columnas d'este semanario.

Continua.

José de Torres.

A cidade de Estavayer na Suissa.

Está situada esta pequena e linda cidade no cantão de Friburgo, e sobre a margem oriental do lago de Neufchatel, quatro leguas ao sueste da cidade d'este ultimo nome.

Edificada sobre uma collina de perennes verdores, cercada de terrenos fertilissimos, Estavayer apresenta-se aos olhos dos que a contemplam de fora sob o mais gracios aspectu. Servem-lhe de throno rochas alcantiladas, que as ondas banham; e os seus edificios saem garbosamente d'entre a folhagem de copado arvoredos, distinguindo-se o castello de Chenaux, residencia do balio.

Se a perspectiva d'esta cidade é risonha e pittoresca, as vistas que ella desfructa não são menos encantadoras. As margens oppostas do lago são de uma singular belleza, e os seus quadros variam ao infinito. Quatro cidades, grande numero de aldeas, castellos e casas de campo quasi sem conta, vinhas, prados, e bosques, ora subindo em vistoso amphitheatre, ora vindo espelhar-se nas aguas do lago; tudo isto forma um panorama formosissimo.

O lago é bastante grande, e recebe o tributo de varios rios, e de muitos ribeiros. Não é muito fundo, porém a sua navegação é algum tanto perigosa em occasião de vendaval. Apesar da sua extensão, e dos rios que n'elle vem desaguar, já tem acontecido em invernos excessivamente frios gelar completamente.

J. DE VILHENA BARBOSA.

Os inglezes na India.

Temos presente uma obra muito interessante sobre o dominio inglez na India. Não de verá o autor ser suspeito porque trata o assumpto de sciencia certa, e está isempto do espirito de rivalidade, que se poderia attribuir a qualquer escriptor que não fosse de nação britannica. J. S. Buckingham, que é o autor a que nos referimos, conclue o seu *Quadro pittoresco da India*, com uma noticia historica da companhia das Indias, a qual lhe provoca bastantes reflexões politicas, que deixaremos de parte, transcrevendo unicamente o que entra no dominio dos factos.

«Só foi em 1600 (diz Buckingham) que os inglezes, depois de muitas e baldadas tentativas, conseguiram estabelecer verdadeiras relações com a India.

«Nesse mesmo anno se passou a primeira carta de privilegios concedida á companhia, formada em corporação com o titulo de — «O governador e a companhia dos mercadores de Londres commercio com as Indias orientaes.» Devem notar-se os termos em que se concebeu esta primitiva concessão, para se fazer uma ajustada idéa dos motivos que dirigiram a legislatura na allocação temporaria de taes privilegios; e para sermos devidamente exactos, tomamol-os textualmente da *Historia da India britannica* por Mill.

«Conferme aos principios d'aquelles tempos, a carta era exclusiva. Prohibia ao resto do reino commerciar nos limites assignados á companhia; mas autorizava-a a conceder licenças para isso, quando ella o entendesse conveniente. A carta vigorava por quinze annos, mas tinha a clausula de se poder annullar depois de dois annos, em qualquer epoca que fosse, se o seu estabelecimento não se julgasse util ao paiz. No caso contrario, a pedido da companhia, o privilegio se renovaria por outros quinze annos.» (Vol. 1 pag 22)

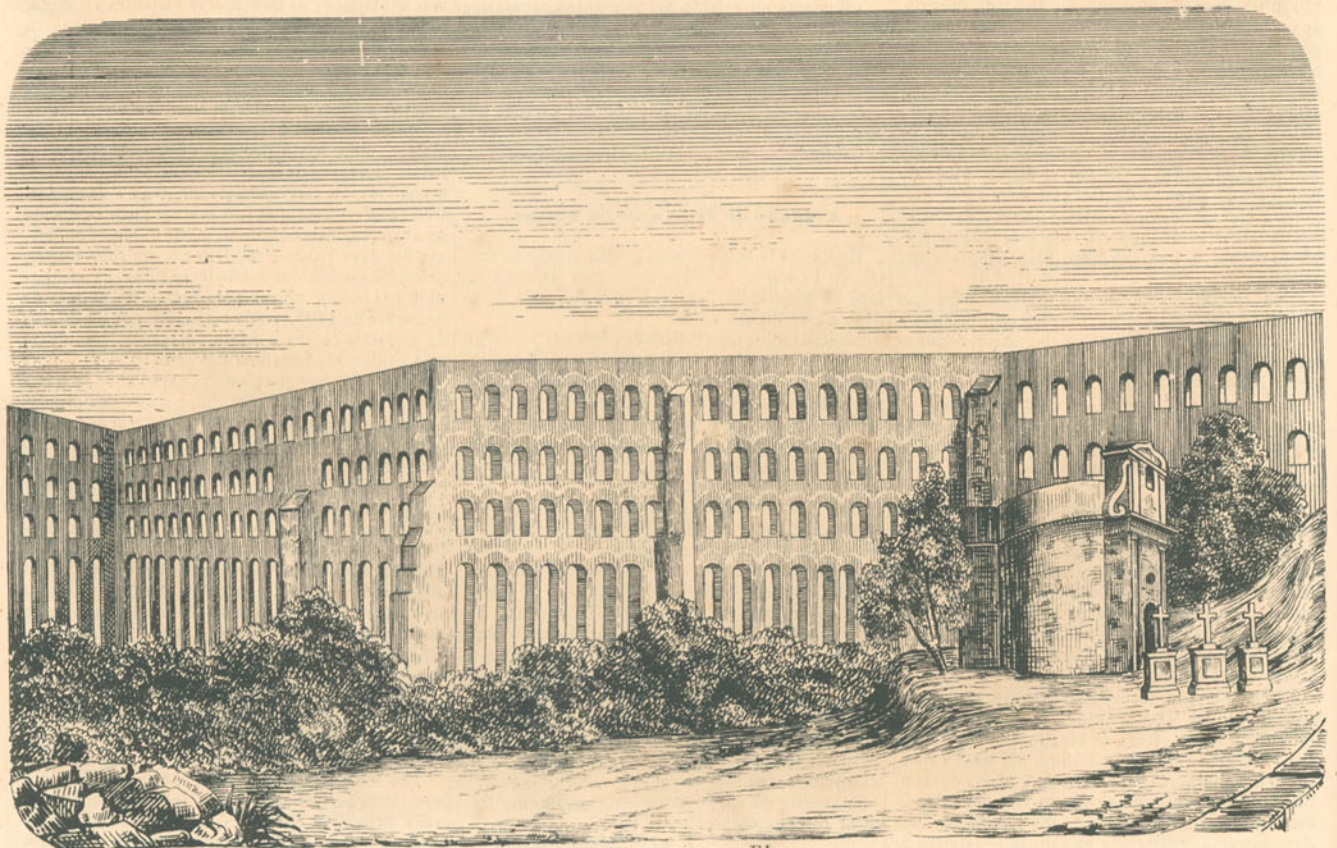
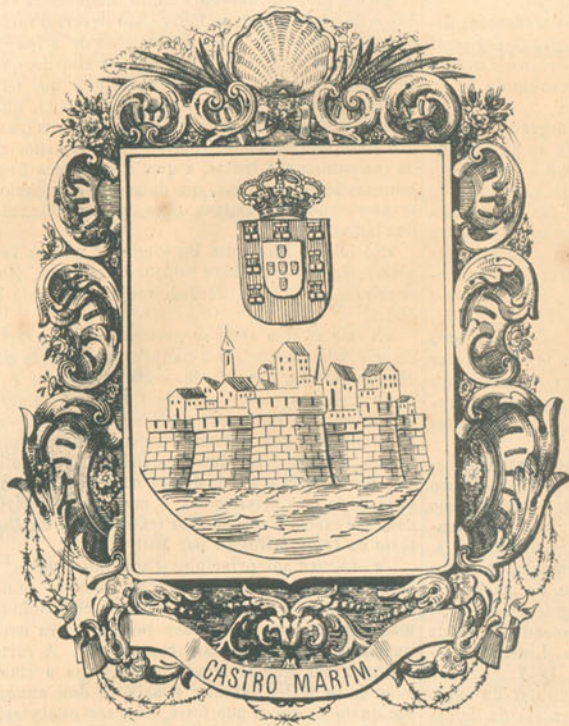
«Pode fazer-se idéa dos sentimentos que dirigiram as primeiras operações da companhia, pelo homem que escolheu para commandar a primeira esquadra que enviou á India. Foi um tal capitão Lancastre, que no precedente anno voltara de uma expedição de pirataria.

«A primeira viagem teve resultados pecuniarios mui vantajosos; os mercadores viajantes visitaram Sumatra, e obtiveram do soberano d'esta ilha um tratado de commercio com a permissão de levantarem uma feitoria; e como para annunciar aos credulos indios o destino que lhes reservavam estes homens a quem concederam semelhante privilegio, o capitão Lancastre apoderou-se, no estreito de Malaca, d'um navio portuguez de novecentas toneladas, carregado de especiarias atal ponto, que bastaram para o carregamento de toda a esquadra. Deve confessar-se que isto era um meio commode de abrir um commercio nascente! Depois de deixar em Java trinta e seis feitores, ou sobrecargas, primeiro nucleo dos estabelecimentos da companhia nas Indias, voltou para Inglaterra no mez de Setembro de 1603, tendo realisado, por via do acto de pirataria contra o navio portuguez, consideraveis ganhos em beneficio dos seus patrões.

«Isto foi signal para outras expedições que immediatamente se lhe seguiram; e nos dez primeiros annos emprehenderam-se oito viagens successivas. Os capitães d'estas expedições eram comtudo pouco consideraveis, e hoje não ha casa commercial, por mais pequena que seja, que não faça, por sua propria conta, operações mais importantes do que então. E comtudo a companhia não se estabeleceu senão com o irrisorio pretexto de que nenhum particular podia, só com os proprios recursos, fazer faco ás trasacções commerciaes com paizes tão longinuos. Apesar, porém, da exiguidade dos capitães embarcados n'estas operações, os beneficios realisados pela companhia foram immensos.

«Em vista d'estes factos, não é para admirar que a companhia fosse excessivamente ciosa do seu privilegio, e que pelo mais pequeno acto que parecesse atacal-o justamente se assustasse.

«No tempo de Jacques I, a companhia dirigiu a sua attenção, do archipelago indico, theatro das suas primeiras operações, para o continente da Asia; e depois de ver os seus esforços repellidos



Aque ducto d'Amoreira em Elvas.



Cidade d'Estavayer sobre o lago de Neufchatel.

pelos turcos em Aden e Mocka, no mar Vermelho, e pelos portuguezes na costa da India, chegou finalmente, em 1612, ao grande objecto de todos os seus votos.

«Os inglezes conseguiram concluir uma convenção commercial. Obtiveram licença de estabelecer feitorias em Surate, Amedabad, Camboja e Goga, designadas pelos agentes da companhia como as mais favoraveis estações commerciaes. Um firman do imperador, conferindo estes privilegios, foi recebido em 11 de Janeiro de 1619, autorizando o primeiro estabelecimento dos inglezes no continente indio, que era então a sede d'uma das mais vastas e mais poderosas monarchias do globo.» (Vol. I pag. 26)

«Em 1612, nova era principiou para a companhia; até então estes aventureiros tinham operado, a seu risco e perigo, e com capitães individuais, apesar da facilidade de commerciar ser limitada só aos membros d'esta companhia. Julgou-se n'essa epoca conveniente obrigar todos os accionistas a submeterem-se ás decisões e operações d'um conselho da companhia, com o nome de junta dos directores. Esta medida tinha por fim centralisar o poder da companhia, e confiar a gerencia a poucos individuos.

«Os beneficios realidados sob a administração da junta dos directores estavam longe de egualar os que os particulares tinham colhido da direcção dos seus proprios negocios. Effectivamente os lucros das oito precedentes viagens elevaram-se, uns por outros, a cento e setenta e um por cento, apesar de entrar em linha de conta o prejuizo da quarta viagem. O lucro das quatro viagens que se seguiram ao estabelecimento da junta não excedeu a oitenta e sete e meio por cento.

«Em 1618 teve logar segunda organização da companhia. Continua esta com o mesmo espirito de avidez, e ciúme contra tudo que ameaçasse compartilhar os beneficios dos seus privilegios, e actos de pirataria e pillagem que eram a fonte de taes lucros. Eis um exemplo:

«Os inglezes e os persas concordaram reunir suas forças para atacarem na ilha de Ormuz os portuguezes, que a tinham conquistado e fortificado nos dias da sua prosperidade. Os inglezes forneceram as forças navaes, e os persas as de terra. A cidade e fortaleza foram tomadas em 22 de Abril de 1622. Por este serviço os inglezes receberam parte do saque de Ormuz, e concedeu-se-lhes metade do rendimento das alfandegas do porto de Gombroon, que se transformou em sua principal estação no golpho Persico.» (Vol. I pag. 44)

Depois de narrar diferentes factos, attestando as concussões da companhia, os meios de corrupção com que abafava no parlamento britânico as discussões que a iniquidade dos seus actos suscitava, Buckingham continua nos seguintes termos:

«Vimos na *Historia da India*, de Mill, que na epoca em que os inglezes obtiveram pela primeira vez estabelecer feitorias na costa occidental da India, este paiz era então a sede d'um dos mais vastos e mais poderosos imperios. O mesmo historiadador nos diz que, quando a companhia fez as primeiras tentativas de estabelecimento na costa occidental de Bengala, ordenou aos seus agentes que se conciliassem o favor do grã-Mogol por via de um proceder submisso e respeitoso. Pediam então humildemente a permissão de metter pé n'um territorio que reconheciam ser propriedade alheia; agora são os soberanos d'esse mesmo paiz, no qual exercem incontestada supremacia.

«As conquistas territoriaes da companhia não lhes foram impostas, como o pretendem os seus apologistas, pela necessidade de se defender das aggressões de que era victima; e sim foram resultado de premeditado plano de se apoderar do paiz, e estender seu dominio por todos os meios que entendesse convenientes. Foi com toda a circunspeção e calculo deliberado, para não assustar os indios, que se levantaram em Bengala os primeiros fortes da companhia. E apesar de tantas precauções os indios não se illudiram. Ali-Verdi-Khan, que envelheceu na arte de governar, quando estava no seu leito de morte, dirigiu ao filho que lhe ia succeder as seguintes instrucções:

«Meu filho, o poder dos inglezes é grande: começa pois a limitar-lhes o poder por via da força;

que tereis depois bom negocio com os outros europeus. Não consintaes que tenham entre vós feitorias, escriptorios, ou soldados, pois se o consentirdes o paiz não será vosso. Ter-vos-hia poupado este trabalho se aprouvera a Deus alongar-me a vida. A vós, meu filho, reservou elle este encargo. Subjugaes os inglezes. Se bem sei ler os seus projectos, os vossos estados estão em muito perigo. Acabam de vencer Agria, e apropriaram-se do seu paiz e thesouros; o mesmo querem fazer ao vosso. Não combatem entre nós pela justiça, e sim pelo ouro; esta é a unica mira de seus desejos. Os europeus não veem a senão para se enriquecerem; e a pretexto de inferirem nas pendencias dos nossos reis, apoderam-se do paiz de um d'elles, e repartem entre si os bens do seu povo. Os corações d'estes christãos estão repletos de ambição de ouro e poder, e os seus actos tem provado ao Oriente em quão pequena conta tem os preceitos que receberam do seu Deus. Não acreditam na outra vida, nem na immortalidade que a revelação lhes annunciou. Repito-vos, meu filho, reduzi os inglezes á condição de escravos: não consintaes que tenham aqui feitorias ou soldados; se annuides a tal, contaes que o paiz não será então vosso; será propriedade d'elles; pois que esses homens que todos os dias vemos dirigir sua politica e poder contra o que elles chamam a vontade do Altissimo, só pela força se podem reprimir.

«As apprehensões d'este muribundo príncipe eram assás fundadas. A morte d'Ali-Verdi-Khan teve logar em Abril de 1756, e no mez d'Outubro do mesmo anno lord Clive occupava-se activamente em fomentar uma revolução contra Surajah Dowla em favor de Meer Jaffier, tado no interesse da companhia, e para enriquecer os seus representantes na India.»

Desde este momento a India passou realmente para o dominio britânico, e a companhia enriqueceu-se á custa dos principes, e povos indios.

A villa de Celorico.

Na provincia da Beira, junto á serra da Estrella, e tres leguas ao occidente da cidade da Guarda, está situada a antiquissima villa de Celorico em logar alto.

Da sua fundação não ha noticia certa, pois se deve ter por fabulosas a que lhe assignam alguns dos nossos antiquarios, que tomaram a palavra *brigo*, em que terminavam os nomes das cidades anteriores ou do tempo da dominação romana, pelo nome de um supposto rei de Hespanha, attribuido a epochas inteiramente desconhecidas, ou de que ha apenas mui confusas noticias.

Como Celorico se chamou em antigas eras *Celiobriga*, tiraram d'aqui argumento os escriptores a que nos referimos, para lhe darem por fundador Brigo, rei de Hespanha, que dizem reinar no anno de 1890 antes do nascimento de Christo. Muitas razões porém levam a crer, que essa palavra *brigo* designava na lingua dos antigos lusitanos cidade ou povoação; como nos primeiros tempos da monarchia portugueza se dava o nome de burgo ás povoações, que se iam levantando junto dos castellos, ou dos mosteiros; aome que depois se applicou aos arrabaldes das cidades e villas.

Partindo pois de epochas mais conhecidas na historia, diremos que a terra de que nos occupamos já existia sob o dominio dos romanos, chamando-se então *Celiobriga*.

Nas invasões que a Lusitania padeceu, quando acabou aquelle dominio, *Celiobriga* foi a seu turno destruida e reedificada. N'estas diversas transformações parece que se corrompeu o seu nome, vindo a ser denominada *Corrorico*.

Passado apenas meio seculo depois que D. Afonso Henriques fundara nos plainos de Campo de Ourique a monarchia portugueza, veio um exercito de castelhanos e leonezes por cerco ao seu castello, no anno de 1187. D. Gonçalo, e D. Rodrigues Mendes, filhos do conde D. Mendo, que eram alcaides-mores d'este castello por el-rei D. Sancho I, accommetteram de noite os sitiadores, e, auxiliados pelo sobresalto de tão repentino e inesperado ataque, e pela claridade da lua, que ope-

sar, venceram e desbarataram completamente os inimigos. Por esta acção tomaram por brasão de armas o castello e a villa um escudo com uma meia lua e cinco estrellas.

Pelos annos de 1245, tendo sido deposto do throno el-rei D. Sancho II, e sendo chamado ao governo do reino, com o titulo de governador ou regente, seu irmão o infante D. Afonso, que era conde de Bolonha pelo seu casamento com D. Mathilde, condessa soberana d'aquelle estado, veio este príncipe cercar o castello de Celorico, porque o seu alcaide-mór D. Fernando Rodrigues Pacheco, que o tinha por D. Sancho II, o não queria entregar. Durou o cerco muitos mezes, e, estando o castello para se render pela fome, foi salvo por astucia de D. Fernando, e por meio de uma truta, que uma aguia deixou cair sobre o mesmo castello. Este successo, que tencionamos relatar com mais miudeza n'outra occasião, foi causa de que se accrescentasse ao brasão d'armas um castello tendo por cima uma aguia com uma truta nas garras.

Querem alguns autores, que do zelo com que foi defendido este castello n'estes dois cercos, se principiou a denominar a terra Zelo Rico, de que se derivou por corrupção o de Celorico.

El-rei D. Manuel deu-lhe foral de villa, accrescentando-lhe os privilegios, que lhe havia dado D. Afonso II.

Na curta guerra, que houve entre Portugal e Hespanha, reinando el-rei D. José, foi tomada a villa de Celorico pelos hespanhoses em 1762. O senhorio d'esta terra andou em diversas familias. Antes do reinado de D. Fernando pertenceu a Martim Vasques da Cunha. Este soberano deu-a em dote a sua filha bastarda D. Isabel, que casou em 1373 com o conde de Gijon, filho natural de D. Henrique II de Castella. El-rei D. Manuel fez mercê d'este senhorio ao primeiro conde de Portalegre, e vagando para a coroa pela extincção d'esta familia, deu-o D. Pedro II a André Lopes de Lavre.

A villa de Celorico tem tres parochias, intituladas: Santa Maria, que é collegiada, S. Martinho, e S. Pedro. O templo da segunda é de fabrica muito antiga. Foi fundado pelos templarios no anno de 1302. O de S. Pedro tem a mesma origem, com a differença de alguns poucos annos de menos.

A casa e hospital da misericórdia foram instituidos no reinado de D. João III, n'uma igreja que já existia, e fora por muitos annos parochia, com a invocação de Santo André. Na villa e nos subúrbios ha nove ermidas, e umas oito fontes.

Os arrabaldes de Celorico possuem alguns sitios de muita belleza e amenidade. O Mondego fertilisa os seus campos, e fornece algum peixe. O termo produz cereaes, legumes, fructas, azeite, e algum vinho; e cria-se n'elle bastante gado e caça.

Celorico tem uns mil e setecentos habitantes.

I. DE VILHENA BARBOSA.

A pedra philosophal.

Em todos os tempos tem sido o ouro o metal mais estimado. Desde a mais alta antiguidade vemos os phenicios deixarem a sua estreita patria, apertada entre o mar e o Libano, para irem procurar na Hespanha o ouro, que constituia a principal parte das riquezas d'este paiz. Depois, esse mesmo ouro impelliu um povo inteiro a atravessar o Atlantico, até ao ponto onde nenhum navegante ousara aventurar-se. Mais tarde ainda, o oceano Pacifico, percorrido apenas por alguns navios baleeiros, é diariamente atravessado, em todas as direcções, por grande numero de navios, que vão procurar o ouro na Australia e California.

Por tanto este metal tem sido a causa das grandes deslocacoes de população; egualmente ha dado origem a numerosas descobertas na chymica. A alchimia tinha porfim a transmutação de todos os metaes em ouro.

Onde nasceu, e como, esta sciencia da alchimia? Foram os arabes que do Egypto a espalharam pela Europa.

Milhares de homens, armados de todos os conhecimentos do seu tempo, expozeram sua fortuna e vidas para revolver a terra, e pôr em contacto, de mil variadas formas, os corpos que ella encerra,

com o desejo de procurarem o grande mysterio, a pedra philosophal. Estes trabalhos perigosos e penosos duraram perto de quinze seculos!

Quando os arabes se apoderaram do Egypto, asenhorearam-se tambem das sciencias physicas e mathematicas d'este paiz. A sêde de ouro neste povo, foi talvez maior, do que n'algum outro. Quem ha que não tenha lido os maravilhosos contos das Mil e uma noites, nos quaes, os fructos, as flores, as alcatifas, tudo, n'uma palavra, são pedras e metaes preciosos? Quem ha abi que não conheça as propriedades d'essa alampada magica, que convertia em ouro e diamantes os mais grosseiros metaes?.. Mais tarde, a alampada maravilhosa tomou a forma da pedra philosophal.

O impulso dado pelas universidades de Cordova, Sevilha, e Toledo, sobre a transmutação dos metaes em ouro, espalhou-se pela Europa. Então Rogers Bacon, e Albertus Magnus, bispo de Ratisbonna, publicaram admiraveis theorias.

Analysaram-se varios metaes, o chumbo, e o enxofre. Este ultimo reputava-se entrando na composição de todos os metaes em certas proporções, sendo ao mesmo tempo a causa do seu menor, ou maior brilho. O ouro, o metal nobre por excellencia, era isempto de enxofre.

Conhecia-se a volatilidade do mercurio. Então explicava-se a formação da ferrugem nos metaes, quando se calcinavam, pelo degajamento de uma certa quantidade d'este mercurio que se pretendia que entrava na composição de todos os metaes em diversas proporções; e quanto mais um metal o continha, mais elle se aproximava do estado nobre. Os alchimistas chamavam a este principio particular dos metaes o *mercurio dos sabios*; differia essencialmente do mercurio ordinario. Era o principio que, totalmente extrahido do metal, dava a pedra philosophal.

Para obter a pedra philosophal era mister primeiro obter a terra especial, ou terra adamica. Esta terra não se encontrava senão em certas condições. Uma vez encontrada, nada era mais facil então do que operar a transformação dos metaes. Deixaremos aqui fallar Isaac Hollandus:

«Depois de encontrada a dita terra, a preparação da pedra philosophal é coisa que até uma mulher pode fazer. Da *materia crua*, o philosopho extrahê o mercurio dos sabios, que constitue a quinta essencia da metalidade. Ajunta-se-lhe o ouro philosophico; entrega-se depois esta mistura a si mesma, n'um forno que tem o feito de um ovo; e obtem-se por este meio um corpo negro, que se converte depois n'um corpo branco: é o *cysne branco*. Depois, a materia faz-se amarella, e finalmente de um vermelho brilhante. A grande obra está assim completa.»

A leitura d'esta formula mostra quanto ella tem de intelligivel. Infelizmente não é a unica assim.

Sucedeu então que querendo os alchimistas por força fazer ouro se illudiram a tal ponto, que a si proprios se enganaram illudindo os outros; e a pedra philosophal tomou um tal character de verdade, que os escriptos do tempo affirmam que Van-Helmont, depois de ter obtido, por via desconhecida, uma minima quantidade d'este mercurio dos sabios, transformou oito onças de metal liquido em ouro mui puro; que diante do imperador Fernando III, em Praga, o conde de Russ transmutou em ouro fino duas libras e meia de mercurio, e que com esse ouro se enhou uma medallha. Luthero, Spinoso, e o proprio Leibniz, esse profundo pensador, admittiam a existencia da pedra philosophal. O tribunal de Leipsick declarou David Beuter possuidor d'esta pedra, e o condemnou por isso.

Infelizmente, porém, depois das theorias veem os factos, que de ordinario são os que desmentem as theorias.

A idéa dos *corpos simples* introduziu-se na sciencia, e o ouro, não se podendo decompor, foi então olhado como um d'esses corpos.

O edificio da idade media, levantado a tanto custo pelos alchimistas, e durante tantos seculos, caiu por terra em presença das novas opiniões, e os numerosos materiaes que se juntaram para a sua construção serviram de base a chymica.

A injuria é recurso de quem não tem educação.

O aqueducto da Amoreira em Elvas

Este aqueducto é um dos mais notaveis, que ha no reino, pela sua extensão e altura. No genero porém d'architectura é unico em todo o paiz.

Não se sabe ao certo o anno em que principiou esta obra. Nos fins do seculo xv, a cidade d'Elvas, então villa, não tinha dentro em si mais agua potavel do que a do poço d'Alcalá, de que se provia toda a povoação. Nas côrtes de 1498 requereram os procuradores d'Elvas um subsidio para reparos, do que o poço demandava, justificando a urgencia do seu pedido com a razão de não haver na villa outra agua capaz de beber-se.

A obra do aqueducto deveria começar no principio do seculo xvi, pois que pelos annos de 1520 se construiu a pouca distancia d'Elvas um chafariz provisorio, onde fizeram logo correr a agua.

Toda a despeza d'esta grande construção foi feita inteiramente por conta do senado da camara, que para esse fim fizera crear, a aprazimento de todos, o tributo chamado real d'agua, que consistia em um real imposto em cada arratel de carne e peixe, e em cada quartilho de vinho, que os habitantes consumiam. Com o producto d'este tributo, e com o da venda de alguns baldios do municipio, se levaram a cabo as obras no espaço de mais de cem annos, que tanto duraram os trabalhos do aqueducto, e dos chafarizes na já então cidade.

A agua correu pela primeira vez dentro d'Elvas, no chafariz da misericordia, no dia 23 de Junho de 1622. Os habitantes solemnizaram este acontecimento com corrida de bois, cavalhadas, danças, e outras festas populares.

Tem este aqueducto mais d'uma legua de comprimento. Compõe-se de quatro ordens de arcos, tendo toda esta galeria cento e quarenta palmos de altura. Começa no sitio da Amoreira, que lhe dá o nome, onde recebe um abundante manancial, que conduz á cidade, e que alem das fontes publicas, que alimenta, leva a encher os reservatorios, ou cisternas, da praça d'armas, feitas em 1630.

No anno de 1825 emprehenderam-se outras obras de exploração d'aguas por conta e direcção da intendencia das obras publicas de Lisboa, por meio das quaes se trouxeram ao aqueducto da Amoreira novas nascentes de boa agua.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Alva Estrella.

DRAMA EM CINCO ACTOS

Por José da Silva Mendes Leal Junior.

Continuação.

SCENA V.

OS MESMOS, D. MENDO.

Pelayo e Archibaldo retiram-se ao fundo, mas separados.

D. MENDO (*entrando*) Insulto? Chamaes vós insulto áquillo, Castinaldo?

D. BRITALDO — Bem vindo, D. Mendo!

D. MENDO — E' uma historia verdadeira; tem acontecido muitas assim. Em boa verdade admira, que não saibaes o valor da trova.

CASTINALDO — Isso é para mãos alvas, como as vossas, o folhear livros de jograes, que não para mim que as tenho rudes e calozas. Estão-me só avesadas a meneiar espadas e a brandir lanças.

D. MENDO — Tenho as mãos alvas e lisas, e folgo de assim tel-as. Tentei com ellas as cordas do sistro, ou desdobra pergaminhos de trovas. Tem-me isso já valido alguns brandos sorrisos. Mas a minha espada pesa tanto como a vossa, Castinaldo, e eu movo-a ainda com mais facilidade do que viola e pergaminhos.

CASTINALDO — D. Mendo!

D. BRITALDO — Silencio, filho; não tendes razão.

D. MENDO — Obrigado, senhor D. Britaldo... Vosso filho é um valente guerreiro, bem o sei; e eu não voltei da Terra Santa para excitar novas luctas.

Acompanhei o nosso novo conde D. Henrique, que lá se ficou ao pé do imperador na curia, porque me foram aos ouvidos novos ataques de mouros. Perguntar-me-heis a elles, Castinaldo, que tal corta a minha folha!

D. BRITALDO — Sois extremado, D. Mendo, todos sabemos. N'esse anno em que andastes lá por terras da Palestina chegaram aqui amplas noticias vossas. No desgraçado ataque de Ascalona fostes o primeiro em galgar o muro.

D. MENDO — Fui o segundo. O primeiro foi um guerreiro desconhecido, que ha muito militava ali. Nunca vi golpear tão rijo e tão fundo. Parei para o ver. Consolava. Vieram-me as lagrimas aos olhos de puro gosto. Elle ia adiante, e era sempre assim. Não se carecia de mais ninguem onde elle estava.

D. BRITALDO — Sim; mas na cidade santa fostes vós que arvorastes o estandarte da cruz entre nurens de inimigos.

D. MENDO — Ia a plantal-o na corça da muralha quando os infieis caíram sobre mim. Cansei-me, verguei, estava a ponto de cair. N'este extremo vejo diante o relampago d'um ferro abrir as fileiras cerradas dos contrarios. «E o Oblato» bradaram de todos os lados. Era o guerreiro de Ascalona. Ao mesmo passo travou-me do braço outro braço de ferro sustendo-me n'um abysmo de altura. Senti então que me arrancavam a signa da mão que desfallecia: abri os olhos, e vi-a segura pelo cavalleiro, entre os infieis, firme na muralha como se estivesse cravada dez braças pelo chão.

D. BRITALDO — Não duvido; mas ás portas de Ptolemyda...

D. MENDO — Senhor D. Britaldo, conde, eu sou filho de Coimbra. Qualquer outro em meu lugar teria feito o mesmo.

D. BRITALDO — Não. Heis feito mais do que todos; mas por isso que vos eu admiro, moço, rico, poderoso e valente entre tantos valentes e poderosos, mais lastimo essa vida perdida e devassa, que tendes levado pelas Hespanhas, e por toda a parte, barateando o tempo e a fazenda em tresvarios, e deixando em cada banque e festim um pedaço do vosso patrimonio e da vossa fama. Quando n'isto penso, e em vós, D. Mendo, chego a perguntar a Deus, porque não vos havia de pôr n'alma a virtude, sem a qual...

D. MENDO (*athando-o*) — A virtude? Não tenho sido vil, nem culpado, senhor. Leviano só. A virtude austera e recolhida como a vós professaes, na vossa mão está o assentar-m'a para sempre no coração, bem o sabeis. Dae-me a vossa afilhada Bertha.

D. BRITALDO — Basta, D. Mendo, basta. Dar-vol-a eu, a vós, manchado de impurezas, aquella gentil menina, que é tanto como se fóra minha filha... dar-vol-a eu, uma flor tão pura e delicada, que tenho creado com tanto desvelo!... Deixae-vos d'isso, D. Mendo: não vos faltarão herdeiras nas Hespanhas. Deixae-me cá a minha pobre orphã.

D. MENDO (*voltando-se para Pelayo, e Archibaldo*) — Trovae, trovae, escudeiros. Continue a lição que daveis a estas almas orgulhosas. Contactae-lhes a que ponto de dôr e de miseria chegaram aquellas duas familias, em que havia d'um lado um guerreiro valente, e do outro uma donzella formosa, por não quererem attender á voz da misericordia, que é a voz de Deus. Talvez elles cheguem a comprehender que o vicio não está nos corações dos moços, que riem, cantam, e galanteiam; mas nas implacaveis altivezas, que sacrificam os filhos, a familia, e a patria! — Trovae, escudeiros, trovae.

D. BRITALDO (*depois de ficar em silencio Augusto a D. Mendo e Castinaldo — aos pagens*) Uma bolsa a cada um d'esses escudeiros por paga do seu trovar. Mas que o não tornem a fazer diante de pessoas que se podem d'isso offender.

D. MENDO — Porque dizem verdades; e as verdades fazem temer que outrô tanto aconteça.

D. GIRAL — Enganaes-vos. O senhor de Ribacôa não recia que sua filha nutra culpados amores.

CASTINALDO — E sabe, que se tal acontecesse, tem ao pé de si um braço, que se mergulharia no sangue até ao cotovelo para esconder n'elle essa vergonha.

D. BRITALDO — Silêncio, filho! Deus te livre a ti, e a mim de tal desgraça. O que succederia... sabe-o Deus; mas havia de ser horrendo. (*corre o sino nos paços*) Ouvi... São Ave-Marias... E' a voz lá de cima que nos convoca á oração... Vamos. — D. Mendo, o ceo vos allumie n'esse errado caminho. Castinaldo, vós que tendes todas as virtudes graves e severas, vinde pedir a Deus a benignidade que vos falta. (*Saem; é noite*).
Continua.

Na primavera.

FERNANDO E LELIA.

..... Que outra causa
Sinom amor pode agitar meu peito?
Perturbar-me a razão? elle é quem move
Em minha alma as procellas e as bonanças.

J. M. DA C. E SILVA — HEROINA D'ARAGON.

FERNANDO — Lelia, como está formoso
O dia d'oje, não vés?

LELIA — E' verdade; mais ameno
Cá não veiu inda este mez.

FERNANDO — Como verdes são os campos
Pela relva alcatifados,
Como lindos são os prados,
Bellas se mostram as flores,
Ledas, segredando amores
Á inconstante philomela,
Que descanta, e lhes sorri!
Como lindo é tudo aqui,
Como tu também és bella!...

LELIA — Lisonjeiro!...

FERNANDO — Hoje prefazes

Já dezoito primaveras,
E nunca os annos vorazes
Em mortal, ou ente humano
Lhe causaram menos damno!
É um gosto ver-te assim!...
— Mas que tens? Reparo agora,
Que qual nuvem de tormenta,
Que ao alevantar da aurora
Lhe turva, lesta, o carmim,
Uma nuvem de tristeza
Turvar-te vem a belleza
D'esse rosto de ch'rubim...
Descorar-te as frescas rosas
D'essas faces tão mimosas,
Quaes as folhas d'um jasmim!

LELIA — Triste eu? Enlouqueceste?...

FERNANDO — Não; conservo inda o juizo;
E por d'esses labios teus
Ausente ver o sorriso
E' que julguei...

LELIA — Não; tristezas
Não tenho, nem sei que são.
D'onde vem? do coração?...

FERNANDO — Em peitos jovens procedem
Quasi todas do amor;
Nasce sempre da paixão.

LELIA — Da paixão!...

FERNANDO — Confusa, coras...
Amas porventura?...

LELIA — Não!

FERNANDO — Como? Mas acaso ignoras,
Que a todos fadou o Eterno,
N'este mundo, para amar?...
Que abafados taes affectos,
Que mudados taes decretos
Esta vida é só penar?...

LELIA — Amo os prados, amo as flores,
O ceo, a lua, e as estrellas,
Do outono as noites bellas,
Nos campos entr'os verdores!
As aves, e a mansa brisa,
O deserto, a soledade,
Eis-aqui os meus amores!...

FERNANDO — E se eu te promettera
Ser-te fiel e constante,
Como nunca o foi amante,
N'este mundo, hesitarias?
Dar-me-hias taes rigores?...

LELIA — Amo muito a liberdade,
Amo os prados, amo as flores!
O deserto e a soledade
Serão só os meus amores!...

FERNANDO — Mas...

LELIA — Escuta.

FERNANDO — Estou attento.

LELIA — Pelos campos descuidada
Esvoaça a borboleta;
Poisa aqui, além, na relva,
Que pelos campos vegeta.
Livre, alegre, sem cuidados
As soltas percorre os prados,
Os ares corta ligeira,
Afangando na passagem
Qual a perfumada aragem
A flor que ali vê primeira!
As vezes quer o destino,
Que essa seja um lyrio, um cravo;
Co'a caricia exulta a flor,
E eis logo o innocente alado
Que era livre feito escravo,
Escravo, preso de amor!

Captiva, ao romper da aurora,
Da natura ao despertar,
Ao sol nado, ou sol já fora,
Com um beijo vem saudar
A florinha também 'scrava,
Em vez de livre e ligeira
Outros prados visitar.

Amiga fiel, constante,
Vel-a-heis ao pé do amante,
De manhã, de tarde, á noite,
Sempre, sempre, a todo o instante!
Já não beija as outras flores,
Só p'ra elle tem amores,
Para elle vive só...

FERNANDO — E se brusco, rijo vento

No prado ruge violento,
E reduz a flor a pó?

LELIA — Vereis logo o pobre insecto
P'ras cinzas do triste amante
Dobrar de carinho, affecto!
Vereis logo a borboleta,
Pesarosa, entristecida,
Os despojos, com recato,
Sepultar no espesso matto,
Co'elles sepultar a vida!
— Diz-me agora, meu amigo,
Não vivia tão feliz,
D'amor isemto ao perigo,
O singelo insectosinho,
Quando alegre, doidejante,
Verdes prados percorria
Sem cuidados, sem amante?...

FERNANDO — Que arrojada phantasia!

Singular é a parabola...
E pretendes com tal fabula
Suffocar-me ao despontar
Este amor dentro do peito?...

LELIA — Não te agastes, meu amigo!

Para que serve o agastar?
Dá-me o braço, vem comigo;
Vamos flores apanhar.
N'este valle, ao pé da fonte
A que chamam — dos amores
Ha tantas, tão lindas flores!...

Um cedro de basta rama
Lá soberbo se alevanta:
Sob a sombra que derrama
Iremos...

FERNANDO — D'amor fallar?

LELIA — Não; iremos d'alvas rosas
Simples corôa ataviar.
Não sabes que é hoje o dia
Dos meus annos... Não te lembras?...

FERNANDO — Lembro... Vamos pois á fonte...

Vamos flores apanhar!...

LELIA — Soffres? Vejo-te tão triste!
Inda pensas no que ouviste
Do cravo, e do meigo alado?
Foram loucuras!... loucuras
D'esta mente... devaneios...
Se eu soubera que essas phrases
Poderiam taes tristuras
Dar-te ao peito, á fé t'o juro,
Que em silencio ficaria.
Perdoa-m'á phantasia
Tal peccado, meu amigo.
D'amor isemto ao perigo
Não o está meu pobre peito:
Qual a meiga borboleta

Pelo cravo d'amor ferida,
A amor elle está sujeito,
A amor eu estou rendida!

FERNANDO — Oh! d'amor também ha muito,
Que este meu peito é escravo...
Mas diz-me, Lelia querida,
Serás tu o lindo insecto,
Serei eu o meigo cravo?...

LELIA — Sim; seremos dois amantes,
Ternos, fieis, e constantes,
Quaes o cravo e a borboleta;
Um p'ra o outro viveremos,
Que para amor vive só,
Quem no peito amor enceta!

FERNANDO — Tudo ama aqui na terra,
A ave, a brisa, e a flor!
Tudo n'esta vida encerra
Uma pagina d'amor.
A tudo d'aquez dos ceos
Decretou, predisse Deus
A ventura antes da dor!

LELIA — Adeus prados, e verdores,
Adeus campos, soledade!
Amar-vos eu já não posso,
Que já tenho outros amores...

FERNANDO — Dá-lhe ao menos a saudade!

LELIA — Vamos, vamos colher flores
Lá em baixo ao pé da fonte,
P'ra meus annos festejar...

FERNANDO — Vamos, vamos, minha Lelia;
E á sombra que derrama
O cedro de larga rama
D'amores também fallar!

H. VAN-DEITERS.

RECTIFICAÇÃO.

Tendo-se por equivoco publicado errado o nome de uma sociedade de portuguezes, que se acha installada no Brazil, e cujo fim é promover a instrucção popular, pedem-nos os interessados a rectificação do nome da mesma sociedade, que é *Madrepora*, e não *Madre Pura*.

Continua a relação dos professores a quem é remetida a *Illustração*, e a quem pedimos o favor de nol-a accusar recebida.

DISTRICTO DE COIMBRA.

Concelho de Coimbra.

III.ª Srs.

Ceira — Padre José Maria Ferreira Fresco.
Almelaguez — José Maria Soares da Silva Castro Freire.

Dito da Louzã.

Louzã — José Corrêa da Costa.
Serpins — José Simões das Neves.
Foz de Arouce — Francisco Maria do Rego.

Dito de Miranda do Corco.

Miranda — Manuel Caetano da Silva.
Semide — José Ferreira de Carvalho.

Dito de Poiaras.

Poiaras — José de Mattos Custodio.
Dito de Arganil.

Arganil — Francisco Ribeiro Barata.
Pombeiro — Antonio Dias Ferreira.

Dito de Cantanhede.

Cantanhede — Alexandre Maria Duarte.
Dito da Figueira.

Figueira — Francisco Joaquim Guedes.
Buarcos — Joaquim José de Moraes.

Dito de Goes.

Goes — Antonio das Neves Cunha.
Alvares — Antonio Lopes Cortez.

Dito de Monte Mór o Velho.

Monte Mór — Francisco Caetano Couceiro Junior.

Dito de Oliveira do Hospital.

Oliveira do Hospital — José do Amaral; Guilherme Francisco Pereira Nunes.

Nogueira do Cravo — José Pereira de Moura.
Lagos da Beira — Manuel Garcia Abranches;
Luiz Mendes de Brito.

Bobadella — Casimiro Augusto Castello Branco.
Continua.

TYPOGRAPHIA DO PANORAMA--Travessa da Victoria, 52.